

A GINÁSTICA ARTÍSTICA NO BRASIL: REFLEXÕES SOBRE A FORMAÇÃO PROFISSIONAL

Dra MYRIAN NUNOMURA

Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
E-mail: mnunomur@usp.br

Dra VILMA LENI NISTA-PICCOLO

Universidade São Judas Tadeu
Financiamento: Faep – Fundação de Amparo ao Ensino e à Pesquisa da Unicamp

RESUMO

No Brasil, ginástica artística (GA) ainda é um esporte pouco praticado, sem grandes repercussões na mídia. É uma prática esportiva que ainda carece de muito incentivo, tanto do setor público como do privado. Quando comparada às outras modalidades de esportes, ou ainda o mesmo esporte em outros países, principalmente nas categorias mais avançadas, percebe-se a sua grande defasagem. Entretanto, a maioria dos cursos superiores de educação física ou esporte inclui essa disciplina em seus programas curriculares. E, atualmente, é possível observar a presença desse esporte em algumas escolas de ensino fundamental. Esse panorama da GA no Brasil motivou o presente estudo a investigar e, possivelmente, levantar algumas das razões do quadro precário da modalidade. A investigação ocorreu no âmbito da formação profissional, envolvendo 30 técnicos de GA que participam das competições oficiais da Federação Paulista de Ginástica. Eles relataram sobre a formação que obtiveram, suas expectativas, frustrações e/ou satisfações quanto à disciplina de GA no curso de graduação. Os resultados revelaram que os técnicos esperavam uma formação específica, que não foi contemplada nesses cursos, e que faltam subsídios para progredir na carreira. Os dados sugerem a necessidade de reformulação dos cursos atuais que formam esses profissionais e, a partir de comparações com outros países, a criação de um sistema educacional de preparação técnica que ofereça o aprofundamento desejado e necessário à sua atuação.

PALAVRAS-CHAVE: Ginástica artística; formação profissional.

A GINÁSTICA ARTÍSTICA E A FORMAÇÃO PROFISSIONAL NO BRASIL

Segundo Dianno (1988), apesar da ginástica artística (GA) ter chegado ao país no início do século XIX, esse período não foi suficiente para que o Brasil acompanhasse o desenvolvimento internacional dessa modalidade. Tal situação se deve a muitos problemas que geram a necessidade desse esporte passar por muitas mudanças, tanto técnicas como administrativas. Para o autor, as principais dificuldades que a GA, como modalidade esportiva, enfrenta estariam no âmbito das questões de infra-estrutura e do material humano (ginastas). Ele discute a questão da formação inadequada ou insuficiente dos profissionais que orientam o treinamento como um fator que contribui para o inexpressivo desenvolvimento da modalidade em nosso país.

Percorrendo os cursos de graduação em educação física e esporte (Anexo I), observamos que entre as 41 escolas consultadas, 35 oferecem a disciplina de GA, sendo que 7 delas ainda possibilitam um aprofundamento, o que nos leva a concluir que, provavelmente, quase todos os técnicos de GA obtiveram alguma informação dessa modalidade nesses cursos. Quanto ao conteúdo, de acordo com as ementas das disciplinas, a maioria das escolas desenvolve os fundamentos básicos da GA e, provavelmente, fornece subsídios para capacitar os futuros profissionais a orientar programas de iniciação à modalidade. No entanto, nenhuma delas tem o objetivo de formar técnicos para orientar o alto nível, mesmo aquelas que oferecem a GA II em caráter de aprofundamento. Assim, fica-nos uma indagação: se os cursos de graduação não oferecem possibilidades ao futuro técnico de encontrar embasamentos para avançar nessa carreira, como isso seria possível? Onde é que ele poderia encontrar o conhecimento necessário para fundamentar sua atuação prática?

OS CURSOS DE GRADUAÇÃO E AS PRINCIPAIS MUDANÇAS

Os cursos de graduação em educação física do Brasil têm recebido atenção especial devido às mudanças curriculares que vêm sofrendo nas últimas décadas. Entre 1967 e 1987, os currículos permaneceram praticamente inalterados, existindo apenas a opção de licenciatura em educação física (Borges, 1998). Uma série de discussões a respeito dos programas de currículo dos cursos foi iniciada por volta dos anos de 1980-1990.

Com o aumento da demanda por profissionais que atuam na área não-escolar, os cursos de educação física começam a buscar mudanças para atender à sociedade. Essa situação culminou com a criação do curso de bacharelado em educação física em 1987 e, em 1992, o curso de bacharelado em esporte. Segundo Silva e

Machado (1997), essa criação nasceu da deturpação dos objetivos da licenciatura em educação física. Na tentativa de abastecer o mercado de trabalho com professores de educação física, a maioria dos cursos superiores passou a aumentar os seus currículos com a finalidade de formar profissionais que atuassem em todas as áreas da atividade física. Assim, os cursos de licenciatura não estavam mais voltando seu enfoque para a escola, até então seu principal objetivo, mas para qualquer lugar no qual o aluno pudesse encontrar um emprego, sem se preocupar com o que deveria ser ou não a licenciatura. Segundo Tani (1992), essa característica eclética na formação do professor de educação física, “o faz de tudo um pouco”, injetou no mercado de trabalho um profissional indefinido e desorientado em relação ao seu campo profissional.

A partir de 1978, iniciaram-se vários encontros para a discussão desse tema nas principais universidades do país (Tojal, 1989). Em 1984, o Conselho Federal de Educação (CFE), por meio da portaria n. 10/84, constituiu um *Grupo de Trabalho Consultivo* que, com base nas discussões entre as escolas de educação física, apresentou um anteprojeto de reformulação curricular. O CFE aprovou esse projeto, que definia um mínimo de conteúdos para formar *licenciados e bacharéis*, por meio da resolução n. 03/87¹.

A partir desta data, ficou estabelecido o prazo de 3 anos (até 1990) para que cada instituição fizesse seus devidos ajustes curriculares atendendo as definições apresentadas.

Entretanto, segundo Borges (1998), essas reformas curriculares não representaram um grande avanço para a área. O que aconteceu foi um inchaço dos currículos, principalmente nas áreas esportiva e biomédica. Segundo Taffarel (1993), o currículo tornou-se compartimentalizado e distante da realidade. Foi exatamente isso que Barros (1998) constatou ao investigar, por meio da análise de 23 currículos, como as instituições de ensino superior do estado de São Paulo estavam desenvolvendo seus cursos de graduação em educação física após a resolução CFE n. 03/87. Surpreendentemente o autor concluiu que essas escolas praticamente nada fizeram para adequar os currículos de seus cursos ao novo referencial proposto pelo parecer CFE n. 215/87 e aos novos perfis desse profissional gerado pelo mercado de trabalho.

1. A resolução n. 03/87, consubstanciada no parecer n. 215/87, do relator Mauro C. Rodrigues, trata do “perfil profissiográfico” do licenciado, do bacharel e do técnico desportivo, e adota uma proposta de currículo mínimo que busca o perfil profissional; define as áreas de abrangência do currículo e a duração mínima do curso (4 anos); e indica como deve ser a parte de formação geral (humanística e técnica) e a parte de aprofundamento de conhecimentos específicos (Borges, 1998).

Para Borges (1998) a influência alemã, via escola de colônia e, mais tarde, a influência americana, por intermédio de profissionais brasileiros formados na Europa e nos Estados Unidos, resultou na prevalência da idéia de formação diferenciada, em bacharéis e licenciados, culminando com a resolução n. 03/87, na gestão do Conselho Federal de Educação.

Após esta “grande reformulação” do curso de educação física, os currículos não pararam mais de receber alterações, inclusões e exclusões, recheados de críticas, mas com poucas sugestões advindas dos estudiosos das próprias universidades.

E essas discussões e mudanças curriculares, tanto da licenciatura como do bacharelado, não se esgotam por aqui. Em função das diferenças econômicas, sociais e culturais, provocadas pela grande distância física entre as regiões do Brasil, não se pode esperar que uma mesma estrutura curricular atenda às necessidades de todas as escolas de educação física e da sociedade na qual elas estão inseridas. Podemos observar que a mudança da licenciatura para o bacharelado em educação física trouxe questionamentos quanto à sua necessidade e adequação à área e à sociedade.

A FORMAÇÃO NA ÁREA DO ESPORTE

Uma outra “divisão” da educação física, o bacharelado em esporte, levantou outras questões e incertezas que podemos constatar a seguir.

A criação do *bacharelado em esporte*, proposta defendida por Oliveira (1988), visava ampliar o mercado de trabalho que, segundo o autor, não poderia mais ser atendido pelo profissional que estava sendo formado em licenciatura, ou ainda nos bacharelados existentes na área de educação física.

Barros (1996) também defende a necessidade dos profissionais que prestam serviços no campo da educação física e do esporte, de definirem um espaço próprio para serem melhor identificados e garantirem sua credibilidade na sociedade. O autor diz que diversos serviços exigidos pela sociedade evoluíram de tal forma que requerem uma preparação especializada e de longa duração para atender satisfatoriamente a demanda. Essa preparação específica seria normalmente obtida em um curso de graduação que, para o mesmo autor, tem como um de seus principais objetivos preparar profissionais para o mercado de trabalho.

Um curso de graduação que possa formar um técnico em esporte foi criado em 1992 e em razão da sua recente criação, ainda carece de uma estrutura curricular mais completa quando pensamos nas várias dimensões que abarcam a prática dos esportes, por exemplo, as questões psicológicas e nutricionais, fatores técnicos e táticos das diferentes modalidades, e outros.

Muitos estudiosos vêem o esporte como uma área promissora (Tubino, 1994), e que, num futuro próximo, tenderá a crescer em demanda por serviços e, conseqüentemente, buscará profissionais cada vez mais qualificados para atender este mercado de trabalho. Apesar dessa expectativa, ainda não houve muita mobilização, principalmente das instituições privadas, em acompanhar esta tendência, o que nos causa certa surpresa. Esse fato pode ser confirmado ao analisarmos os programas curriculares dos cursos, que na verdade, ainda estão atrelados ao antigo modelo do curso de licenciatura em educação física.

Portanto, são poucas alternativas, no que concerne aos cursos de graduação, para aqueles que pretendessem atuar no esporte, como o curso de bacharelado em esporte oferecido pela USP em São Paulo, o curso de bacharelado em educação física com aprofundamento em treinamento esportivo da Unicamp em Campinas, o curso de bacharelado em educação física com concentração em Esportes da Unesp de Rio Claro e, mais recentemente, o curso de ciências do esporte da UEL de Londrina. Numa análise um pouco mais cuidadosa desses cursos, a partir dos discursos de seus participantes, é possível entender que também eles necessitam de reestruturação. Com isso, podemos perceber as dificuldades que encontram profissionais que desejam atuar em clubes, com a prática do treinamento.

CLUBES ESPORTIVOS, FEDERAÇÃO E CONFEDERAÇÃO

Em relação à modalidade GA, não houve, até o presente momento, nenhuma iniciativa por parte da confederação ou das federações em criar cursos para a formação dos nossos técnicos.

A vinda de técnicos de várias partes do mundo também não resolveu o problema (Oliveira, 1997), uma vez que não houve intenção de disseminar o conhecimento e a experiência desses técnicos, ficando restrito apenas àquelas instituições que podem custear a estada dos técnicos no país.

Esporadicamente, também recebemos a visita de alguns técnicos estrangeiros que ministram cursos rápidos. O problema, no entanto, persiste, pois não há continuidade e supervisão na formação do profissional.

A Confederação Brasileira de Ginástica (CBG), tem como responsabilidade a administração de eventos, competições e a formação e atualização dos árbitros. Segundo relato do presidente da gestão atual, a CBG teria interesse em promover um programa para a formação de técnicos, mas não poderia arcar com os custos de sua implantação e manutenção. A CBG criou, então, um centro de treinamento com a intenção de promover o desenvolvimento de atletas de elite da GA no país. Esse centro vem incentivando e mediando tanto a vinda de técni-

cos estrangeiros como a ida de ginastas brasileiros para estagiarem em outros países. Se compararmos aos anos anteriores, houve um crescimento considerável da GA no contexto nacional incentivado por esta instituição. Mas ainda acreditamos que falta à CBG proporcionar meios para o desenvolvimento na carreira de técnico.

No Brasil, ainda prevalece a experiência de ex-atleta para a seleção de técnicos desta modalidade, cuja formação não é muito questionada. Este quadro vem mudando lentamente. Prova disto é a exigência de formação superior, que alguns clubes esportivos fazem, para a admissão de seus profissionais.

Muito embora alguns clubes esportivos apresentem atualmente grande representatividade em diferentes esportes de alto nível, em nosso país, também não têm desenvolvido ou incentivado nenhum programa de formação para técnicos. Eles somente promovem encontros entre técnicos e dirigentes, competições e eventos e, às vezes, patrocinam a vinda de técnicos e atletas de outros países. Por mais beneficiadas que essas instituições possam ser com o desenvolvimento de cursos de aprimoramento de seus técnicos, até o momento não há registro de que elas tenham investido nessa capacitação.

Em função de todas essas razões aqui levantadas, no que se relaciona à formação de técnicos em ginástica, o nosso assunto em questão, sentimos a necessidade de investigar o que pensam os atuais técnicos sobre os aspectos que envolvem a sua formação. Para tanto, desenvolvemos uma pesquisa com o objetivo de declarar quais são as nossas reais condições de treinamento desse esporte, que atualmente no Brasil, tem demonstrado um certo destaque internacional. Uma pesquisa que pudesse expressar até que ponto os profissionais que estamos formando podem contribuir para o avanço da modalidade.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A abordagem metodológica adotada neste estudo foi a análise de conteúdo proposta por Bardin (2000), que representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações, utilizado com freqüência na área de psicologia e ciências humanas.

A opção metodológica teve o objetivo de confirmar as hipóteses pautadas na literatura e na experiência no âmbito da GA (atleta, árbitro, técnico, docente universitário).

(a) O instrumento

Para a coleta dos dados foi utilizada a entrevista, semi-estruturada e fundamentada nos princípios propostos por Alves (1991) e Marconi e Lakatos

(1990), atentando para o rigor científico de um procedimento dessa natureza.

(b) A amostra

O critério estabelecido para a escolha dos participantes da entrevista foi ser um técnico atuante na GA de uma instituição filiada à Federação Paulista de Ginástica (CBG, 2000), cuja instituição participe de competições em qualquer categoria: iniciação, pré-infantil, infantil, juvenil ou adulta.

(c) O tratamento

As informações obtidas nas entrevistas com os 30 técnicos de GA foram transcritas para uma matriz, em um processo de codificação, na qual os dados brutos são transformados sistematicamente e agregados em categorias, que permitem uma descrição exata das características pertinentes do conteúdo (Bardin, 1977). A rigorosidade do trabalho fez com que atentássemos às regras atreladas às categorias de fragmentação da comunicação para que a análise fosse válida: homogeneidade, exaustão, exclusividade, objetividade e adequação.

Segundo Bardin (1977), a organização da codificação compreende três escolhas:

- o recorte: escolha das unidades de registro, que correspondem ao segmento de conteúdo a considerar como unidade base, palavras ou frases, visando a categorização, e a contagem freqüencial; é descobrir os núcleos de sentido que compõem a comunicação e cuja presença ou freqüência de aparição podem significar alguma coisa para o objeto analítico escolhido
- a enumeração: escolha das regras de contagem, no caso, a importância de uma unidade de registro aumenta com a freqüência de sua aparição;
- a classificação e a agregação: escolha das categorias, por meio da investigação do que cada elemento ou unidade de registro tem em comum com os outros.

Para a descrição das variáveis independentes: tempo de atuação e tempo de formação, utilizou-se a estatística descritiva: média, desvio-padrão, freqüências absoluta e relativa.

RESULTADOS

O perfil dos técnicos está apresentado nos itens 1, 2, 3, 4, 5 e 6 a seguir:

1. Tempo de atuação como técnico:

Categorias	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
(1) até 11 meses	1	3,33%
(2) de 12 a 35 meses	2	6,66%
(3) de 36 a 71 meses	7	23,33%
(4) de 72 a 107 meses	9	30%
(5) de 108 a 143 meses	7	23,33%
(6) de 144 a 179 meses	2	6,66%
(7) acima de 180 meses	2	6,66%

Média: 91,87 meses; DP: 48,03; Mediana: 96; Moda: 96

2. Natureza da instituição na qual cursou a graduação:

Categorias	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
(1) pública	3	10%
(2) particular	26	86,66%
(3) não obteve	1	3,33%

3. Tempo de formação (nível superior) do técnico:

Categorias	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
(1) até 12 meses	1	3,33%
(2) de 13 a 35 meses	2	6,66%
(3) de 36 a 71 meses	11	36,66%
(4) de 72 a 107 meses	5	16,66%
(5) de 108 a 143 meses	4	13,06%
(6) de 144 a 179 meses	4	13,06%
(7) incompleto	2	6,66%
(8) não cursou	1	3,33%

Média: 67,2 meses; DP: 45,6; Mediana: 60; Moda: 60

4. Categorias de atletas que orienta:

Categorias	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
(1) iniciação	10	33,33%
(2) pré-infantil	19	63,33%
(3) infantil	18	60%
(4) juvenil	14	46,67%
(5) adulta	8	26,67%

* Em alguns casos, o mesmo técnico orienta mais de uma categoria.

5. Natureza da experiência do técnico na modalidade (estágio, árbitro, atleta):

Categorias	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
(1) estágio	14	46,67%
(2) árbitro	24	80%
(3) atleta	28	93,33%

* Em alguns casos, o mesmo técnico pode ter mais de uma experiência na GA.

6. Razões que o levaram a trabalhar com GA:

Categorias	Unidades de registro	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
Motivação intrínseca	(1) gosto e admiração pelo esporte	13	43,33%
	(2) experiência profissional (estágio)	2	6,66%
	(3) foi atleta	14	46,66%
	(4) realização pessoal/sonho	5	16,66%
	(5) facilidade em ensinar	3	10%
	(6) identificação	2	6,66%
Motivação extrínseca	(1) tem campo de atuação	3	10%
	(2) influência de técnico e/ou pais	2	6,66%
	(3) convite para trabalhar	1	3,33%

* Em alguns casos, o mesmo técnico relatou mais de um item.

As questões 7 e 8 permitiram analisar a formação dos técnicos, tanto no curso de graduação como em cursos complementares. O pensamento dos técnicos, ou seja, a sua própria avaliação quanto a qualidade e aproveitamento desses cursos, são apresentados nos resultados a seguir:

7. Opinião a respeito do curso de graduação e a disciplina de GA:

Categorias	Unidades de registro	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
Insatisfatório	(1) não aprendeu quase nada, pouca GA (2) disciplina fraca, aprendeu pouco (3) disciplina incompleta (4) curso e disciplina fracos, sem docente e instalação adequados (5) aprendeu pouco, faltou muita coisa (6) sem aprofundamento, não havia como evoluir (7) faltaram questões pedagógicas, muita ênfase em fazer dos alunos atletas (8) disciplina fora do contexto, docente incompetente, curso sem estrutura (9) disciplina fraca e docente sem qualificação (10) docentes não atualizados e qualificados (11) teve que procurar complementação em outros cursos (12) os docentes não tinham interesse por GA	12	40%
Parcialmente satisfatório	(1) voltada para a escola (2) ênfase nas questões escolares (3) suporte somente para iniciação (4) voltada para a iniciação (5) só noções básicas para conhecer o esporte (6) curso regular, disciplina com pouca abrangência (7) em geral, regular (8) ênfase em escola, falta de interdisciplinaridade (9) transmitido somente o básico (10) limitação de materiais	10	33,33%
Satisfatório	(1) ofereceu formação básica geral (2) docente bom, suporte para iniciação	2	6,66%
Muito bom	(1) docente capaz e bom suporte para a atuação (2) boa faculdade e bons docentes	2	6,66%
Excelente	(1) ótimo docente, curso completo para quem não tinha vivência (2) ofereceu conhecimentos básicos muito importantes para a atuação	2	6,66%
Não cursou		2	6,66%

8. Cursos extracurriculares dos quais participou:

Categorias	Unidades de registro	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
Nível de Aproveitamento (1) Nenhum	(1a) não serviram para nada	1	4,17%
(2) Pouco	(2a) aproveitou pouco para a iniciação (2b) ofereceram apenas uma base (2c) voltado só para iniciação (2d) foram razoáveis	4	16,67%
(3) Parcial	(3a) deu suporte para o alto nível (3b) em geral, foram bons (3c) sempre trazem novidades (3d) o trabalho diário é o mais significativo (3e) foram proveitosos (3f) foi bom (3g) bons, mas muito curtos (3h) foi proveitoso para todas as categorias (3i) sempre traz alguma técnica nova (3j) ajudou a mudar a forma de pensar sobre a GA (3k) complementaram-se	11	45,83%
(4) Muito	(4a) aproveitou todos (4b) aprofundou conhecimentos específicos (4c) aproveitou bem para todos os níveis (4d) muito bons e de extrema importância (4e) bastante interessante (4f) trouxe aprimoramento técnico (4g) aproveitou bastante (4h) obteve conhecimento técnico de alto nível importante	8	33,33%

A questão 9 demonstrou os resultados de sua atuação apresentando os seguintes dados:

9. Resultados mais significativos obtidos liderando equipes competitivas:

Categorias	Unidades de registro	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
Regionais	Jogos Regionais e Abertos do interior de SP	5	15,63%
Estaduais	Campeonatos Estaduais interclubes, por aparelhos e individuais, Taça SP, Copa SP	13	40,63%
Nacionais	Campeonato Brasileiro Interclubes	11	34,37%
Internacionais	Pan-Americano Interclubes	3	9,38%

* Em alguns casos, o mesmo técnico relatou mais de um item.

A questão 10 permitiu analisar as lacunas de sua formação e as necessidades que eles sentem para aprimorar a sua atuação, como mostram os dados a seguir:

10. Componentes que poderiam melhorar a sua qualidade de técnico:

Categories	Unidades de registro	Freqüência absoluta	Freqüência relativa
Fatores internos	(1) conhecimento	9	14,29%
	(2) experiência	8	12,7%
	(3) profissionalismo	3	4,76%
Fatores externos	(1) infra estrutura	7	11,11%
	(2) apoio/incentivo	6	9,52%
	(3) intercâmbio/convênios	10	15,87%
	(4) cursos específicos/ complementação	17	26,98%
	(5) material didático	3	4,76%

* Em alguns casos, o mesmo técnico relatou mais de um item.

DISCUSSÕES E CONCLUSÕES

Um dos pontos geradores de maior reflexão sobre a formação do técnico é revelado por dados numéricos que mostram que a grande maioria já atuava nessa profissão antes mesmo de sua formação. Parece-nos que, na visão dos entrevistados, ter tido uma certa experiência com a ginástica, antes de sua graduação, é fator primordial para o técnico ensinar a modalidade. Basta observarmos as respostas obtidas em relação à experiência anterior na modalidade, em cuja pergunta todos apontam alguma passagem pela GA, sendo que a unidade de registro com maior freqüência, em que se revelam as possíveis razões que os encaminharam à essa profissão, foi o fato de ter sido atleta, (93,33%), a de maior destaque. Provavelmente, valendo-se de sua experiência como atleta, muitos vêm na oportunidade de ensinar a modalidade que praticam uma possibilidade de emprego garantido. Este é um ponto de importante análise pois mostra-nos que, muitas vezes, isso acontece até mesmo em função da repercussão que seu nome tem na sociedade. Muitas escolinhas de esporte se vangloriam de carregar em seu corpo docente um atleta famoso sem, contudo, avaliar até que ponto esse atleta tem conhecimentos didáticos e pedagógicos para ensinar o esporte que o tornou um *expert*. Ser um grande talento esportivo não lhe garante ser um profissional competente. Mas esse não é o conceito de quem “vende” esportes, e às vezes até mesmo de quem “compra”.

Se entendermos que a maioria dos técnicos foi atleta da modalidade, talvez isso aponte para uma tendência geral do esporte. Em pesquisas anteriores, profes-

sores declararam o medo de ensinar ginástica por nunca terem praticado (Nista-Piccolo, 1988). A experiência como atleta e o gosto e admiração pelo esporte foram os principais motivos que impulsionaram a entrada na carreira de técnico, sendo que alguns (16,67%) foram influenciados pelo técnico ou familiares.

Há também que se destacar uma observação importante que mostra que muitos deles não se fixaram apenas em suas experiências vividas, pois foram buscar uma formação acadêmica em educação física. Em relação ao curso de graduação e à disciplina de GA, percebemos que as expectativas dos técnicos não foram contempladas, uma vez que 40% deles se mostram insatisfeitos; 33,33% satisfeitos em parte, e o restante se mostra satisfeito. Então, se nossos técnicos não estão contentes com sua preparação, mesmo aqueles que trazem em sua bagagem a vivência de ginasta, isso é um indicativo de que a soma de experiências anteriores no esporte com os conhecimentos acadêmicos de uma graduação específica não preenchem as necessidades de maior aperfeiçoamento técnico desportivo.

Esses dados podem revelar a inconsistência dos cursos de graduação e, mais especificamente, a disciplina de GA. Mas também há de se ressaltar que a maioria dos técnicos buscava conhecimentos específicos da modalidade, muitas vezes contrários às propostas dos cursos de graduação que não estão voltados para a formação do técnico desportivo.

Analisando mais especificamente, temos que a maioria dos técnicos (87,67%) formou-se em uma instituição privada e apenas 10% em pública. Se as universidades públicas são as pioneiras na oferta de cursos bacharelados em treinamento esportivo, esse dado pode nos levar à conclusão de que a formação adquirida pela maioria dos técnicos é generalista, ou seja, pautada na licenciatura que visa formar o profissional de maneira generalizada, sem especificar um conhecimento mais aprofundado em determinado esporte.

A maioria dos técnicos participou de algum curso extracurricular, indicando a sua necessidade e busca por mais especialização, o que aponta os cursos de aperfeiçoamento como um fator imprescindível para melhoria de sua qualidade como técnico de ginástica. Se observarmos os resultados mais significativos que já tiveram em suas carreiras orientando equipes competitivas, podemos verificar que eles apresentam maior destaque no âmbito estadual e nacional. Embora os resultados internacionais somem apenas 9,38%, ainda assim podemos considerar surpreendente, se forem analisadas a sobrecarga de trabalho dos técnicos e os poucos recursos disponíveis. O mais importante é que relatam que, para melhorar a sua atuação, sentem falta de cursos específicos que, conseqüentemente, trariam mais conhecimento para fundamentar a sua prática. Isso poderia ser desenvolvido por meio de intercâmbio e convênios, conforme declararam os técnicos.

Atualmente, o intercâmbio entre os técnicos só ocorre nos períodos de competições ou em um eventual curso. A experiência adquirida com a atuação em campo, tanto dentro como fora do país, mostrou-se também como um destaque importante para alguns técnicos. Sobre esse aspecto, vale lembrar que, no Brasil há, muitas vezes, certa tendência cultural em se valorizar em demasia “produtos” internacionais.

As entrevistas revelam o interesse desses profissionais por mais conhecimento. Apesar deles obterem resultados expressivos, mesmo assim parecem insatisfeitos por não encontrarem meios de aperfeiçoarem-se no próprio país. Sair do país e obter experiência em países de destaque na GA não faz parte da realidade da maioria deles. Desta forma, alguns criticam a CBG e as federações por não promoverem mais cursos e intercâmbios, além de sentirem falta de uma união entre os profissionais e as instituições envolvidas com a GA para troca de informações e experiências positivas.

Embora a vinda de técnicos de outros países ou a saída de nossos técnicos seja importante, não podemos nos apoiar nessa única opção como forma de atualização e capacitação de nossos profissionais em razão da natureza pouco abrangente desse recurso.

A falta de infra-estrutura também parece influir na qualidade da atuação do técnico, um fator óbvio para o desenvolvimento de qualquer modalidade esportiva, mas, se analisarmos mais especificamente as necessidades de alta qualidade dos equipamentos para aprendizagem dos exercícios acrobáticos na GA, é possível detectar que esse aspecto pode afetar sensivelmente o rendimento dos ginastas. O país carece de recursos materiais para o desenvolvimento da ginástica, o que dificulta a disseminação desse esporte em regiões com poucas condições materiais e recursos humanos. Entretanto, nos locais em que ela está presente, deveríamos procurar oferecer o máximo de subsídios para que a atuação do profissional seja coerente e efetiva.

Entre outros dados significativos, poderíamos citar a falta de apoio que os técnicos sentem da Confederação e das federações de ginástica, uma questão já comentada anteriormente, uma vez que essas instituições, no Brasil, se comprometem basicamente com os eventos competitivos. Em geral os técnicos orientam duas ou mais categorias simultaneamente, sendo as categorias pré-infantil e infantil as de maior número. Esses dados coincidiriam com o número de competidores nas distintas categorias, nas quais o número de participantes diminui à medida que sobe a faixa etária.

A falta de material didático relatado pelos técnicos seria uma conseqüência dos poucos estudos produzidos no âmbito da GA. Isso demonstra que não há uma

sincronização de trabalhos produzidos pelas universidades com as equipes de alto nível técnico, e com as federações e Confederação de Ginástica. Sabemos que não é possível mais pensar em uma evolução de um esporte se não houver estudos científicos que sustentem seu crescimento, que subsidiem seu aperfeiçoamento técnico. A produção do conhecimento científico, nas diferentes dimensões que abarcam a prática de uma modalidade esportiva, auxilia a sua própria reestruturação, os seus avanços tecnológicos no que concerne à técnica e à tática. Como por exemplo, estudos sobre os aspectos psicológicos que tratam do medo nos ginastas, da ansiedade provocada pelos momentos de competição, do *stress* que um treinamento de alto nível pode causar além das inovações de um treinamento mental; estudos e pesquisas sobre aspectos biomecânicos podem alavancar o processo de aprendizagem de determinadas acrobacias; nenhuma outra área cresceu e se modificou tanto quanto a nutrição nos esportes; pesquisas na área fisiológicas podem responder às inúmeras perguntas que surgem a partir dos impactos causados no organismo por um treinamento excessivo. Portanto, não há como negar a necessidade de um acompanhamento científico na preparação de atletas, pois, só assim nossos técnicos poderão encontrar maior apoio didático para suas fundamentações.

Os resultados deste estudo demonstram que os técnicos vêm tentando preencher as lacunas deixadas pelos cursos de graduação, participando de clínicas, cursos, alguns saindo do país, entre outros recursos. Esses próprios dados já sugerem a necessidade de uma reformulação dos atuais cursos de graduação, em especial aqueles destinados à formação do profissional do esporte. Mas a perspectiva de ascensão na carreira de técnico exige ainda mais do que um curso de graduação pode oferecer. Seus conhecimentos poderiam ser contemplados na própria universidade, mas uma especialização talvez possa conseguir fundamentar melhor, se for de responsabilidade de uma associação destinada exclusivamente à preparação e à capacitação desses técnicos, como ocorre em outros países, como no Canadá (*3M National Coaching Certification Program*, GCG, 1987), nos Estados Unidos da América (*Professional Development Program of United States Gymnastics Federation*, Moskovitz, 1991), na Austrália (*National Coaching Accreditation Scheme*, AIS, 1998) e, mais recentemente, em Portugal (*Escola Nacional de Ginástica*, ENGYM, 1999).

A GA no Brasil é um esporte que tem grande possibilidade de evoluir e revelar muitos talentos. Além disso, ela pode proporcionar prazer e muitos benefícios aos praticantes como a melhora nos níveis de condicionamento físico, o convívio social, o aumento do vocabulário motor, bem como a elevação da auto-estima, entre outros. Entretanto, ainda é pequeno o número de profissionais capazes de explorar esse potencial e orientar a prática da GA fundamentada na experiência e nas pesquisas. E, infelizmente, existem aqueles que não têm a menor idéia do que

fazem no ambiente da GA, pois são apenas reprodutores das atividades que tiveram em seus treinamentos, desenvolvendo uma prática irrefletida.

Coaching education and artistic gymnastics in Brazil: reflecting over the professional preparation

ABSTRACT: Artistic gymnastics is not a widespread sport in Brazil. It also lacks of support both from public and private institutions. However, this discipline is included in most of the curricula of physical education at colleges, in universities or schools. Nevertheless we will find little practitioners of Artistic Gymnastics if compared to the others sports. In Brazil, this artistic gymnastics' scenario has motivated the present study to investigate the main problems concerning to this sport. The focus of the study was the coaching education and it involved 30 coaches that take part of official events promoted by São Paulo Gymnastics Federation. The coaches reported on their expectations, frustrations and/or satisfactions concerning to the professional preparation course and how the discipline of artistic gymnastics was conducted. The results revealed that coaches need specific knowledge about this sport, which was not emphasised in those courses. Also, the coaches complain that there are no incentives to improve in this career. These results suggest the need for a change in those courses or the establishment of an educational system that could offer the necessary tools for the betterment of coaches' performance.

KEY-WORDS: Artistic gymnastics; coaching education;

La gimnasia artística en Brasil: reflexión sobre la formación profesional

RESUMEN: En Brasil, la gimnasia artística (GA) todavía es un deporte poco practicado, sin grandes repercusiones en la mídia. Es una practica deportiva que carece de mucho incentivo, tanto en el sector público como en el privado. Quando comparada a otras modalidades deportivas, o en el mismo deporte en otros países, principalmente en categorías mas avanzadas, se nota la deficiencia. No entanto, la mayoría de los cursos superiores de educación física o Deporte incluye esta disciplina en sus programas curriculares. Y, actualmente, es posible observar la presencia de este deporte en algunos colégios. Este panorama de la GA en Brasil a motivado el presente estudio a investigar y, posivelmente, levantar algunas razones de la situación precaria de la modalidad. La investigación ocurre en el ámbito de la formación profesional, envolviendo 30 técnicos de GA que participan de competiciones oficiales de la Federacion Paulista de Gimnasia. Ellos relataram la formación que tuvieron, sus expectativas, frustraciones y/o satisfaciones quanto a la asignatura de GA en el curso de graduación. Los resultados revelaram que los técnicos (entrenadores) esperaban una formación específica, que no fué contemplada en estos cursos, y que faltan subsidios para progredir en la carrera. Los datos sugieren la necesidad de reformulación de los cursos actuales que forman estos profesionales y, a partir de comparaciones con otros países, la creación de un sistema educacional de preparación técnica que ofrece el aprofundamiento deseado y necessário a su actuación.

PALABRAS CLAVES: Gimnasia artística; formación profesional.

REFERÊNCIAS

- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 77, 1991, p. 53-61.
- AUSTRALIAN INSTITUTE OF SPORT. Disponível em: <<http://www.ausport.gov.au/aigym.html>>. Acesso em: 1998.
- BARDIN, L. *Análise do conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2000.
- BARROS, J. M. Preparação profissional em educação física e esporte: propostas dos cursos de graduação. *Revista Motriz*, v. 4, n. 1, 1998, p. 12-16.
- _____. Educação física: perspectivas e tendências na profissão. *Revista Motriz*(2)1, 1996, p. 49-52.
- BORGES, C. M. F. *O professor de educação física e a construção do saber*. Campinas: Papirus, 1998.
- CENTRO ESPORTIVO VIRTUAL. *Escolas de educação física*. Disponível em: <<http://www.cev.org>>. Acesso em: 1999.
- CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE GINÁSTICA. *Federações: relação das entidades filiadas*. Disponível em: <<http://www.cbginastica.com.br>>. Acesso em: 2000.
- DIANNO, M. V. A. Ginástica olímpica no Brasil. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento* v. 2, n. 2, 1998, p. 57-62.
- ENGYM. *Programa da Escola Nacional de Ginástica*, Portugal, 1999.
- GYMNASTICS CANADA GYMNASTIQUE. *National Coaching Certification Program*. Gymnastics Canada Gymnastique, Ontario, 1987.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Técnicas de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1990.
- MOSKOVITZ, D. *USGF Professional Development Program*. United States Gymnastics Federation Congress, 1991. p.55-58.
- NISTA-PICCOLO, V. L. *Atividades físicas como proposta educacional para a primeira fase do primeiro grau*, 1988. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Unicamp, Campinas.
- OLIVEIRA, J. G. Preparação profissional em educação física. In: *Educação Física e Esportes na Universidade*. PASSOS, S. C. E. (Org.). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Física e Desportos, 1988.
- OLIVEIRA, W. *Ginástica*. Disponível em: <<http://www.uol.com.br/fsp/esporte/fk101021.htm>>. Acesso em: 1997.
- SILVA, E. V. M.; MACHADO, A. A. *A formação profissional universitária em educação física: licenciatura e bacharelado*. Anais do X Congresso do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte, 1997, p. 888-895.

TAFFAREL, C. N. Z. *A formação do profissional da educação: o processo de trabalho pedagógico e o trato como o conhecimento no curso de educação física* 1993. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas.

TANI, G. Estudo do comportamento motor, educação física escolar e a preparação profissional em educação física. *Revista Paulista de Educação Física* v. 6, n. 1, 1992, p. 62-66.

TOJAL, J. B. *Currículo de graduação em educação física: a busca de um modelo*. Campinas: Editora da Unicamp, 1989.

TUBINO, M. *O que é esporte?* São Paulo: Brasiliense, 1994.

Recebido: 24 out. 2002

Aprovado: 10 jan. 2003

Endereço para correspondência
Myrian Nunomura
Escola de Educação Física e Esporte da Universidade de São Paulo
Equipe Universitária de Estudos em Ginástica – Eunegi
Av. Prof. Mello Moraes, 65 Butantã
São Paulo - SP
CEP 05508-900

ANEXO I

QUADRO I
CURSOS DE EDUCAÇÃO FÍSICA E A DISCIPLINA DE GA (CEV, 2000).

Instituição		isiin	stoo	oi	
ni sistu ins	o ioso t		innto	°sst ttio	stio
ni si ãouo	/	//		°sst it io °sst ttio	stio
ni sistu io o	unntos		stuosnços	°sst o it io °ssto ttio	
ni si ãous u	/	//		° / //	
ni siuistl	/	//		°sst sst	
ni si uuos	/	//		°sst °sst	
ni siliu	irnsti		inuino	°oo	
ni si ão os	nãoo				
ni si i ãouo	/	//		°sst °sst	
ni sio o	/	//		°sst °sst	
/	o itio o i			°no	
ni sio				° °sst	
us lntsuo			tti		
so uio ução	si			°io °io	
o iit					
ni si to oitrn				s st s st	
ntos					
us lnts i ião				° °sst	
is					
ni si uio o u				s sts	
us to oitrs nis				s sts	
ãouo					
ni sinints				s sts	
unção uion			so tslniuiso		uo
otuon			ounnto	°sst	
ni sini	oiti l		o iti ll	t t	itos itos
unção nisi o			nãoo		
ni si nt			so ti	s	
tin			untção it so ti	tti	
ni si ni	soo		os innto	oo oo oo	
unção nisi			/	oo	
iços			//	oo	
unção nisi si	to o i			oo	itos

(continua)

(continuação)

Instituição		siin	stoo	oi	
Universidade Federal do Rio de Janeiro		modalidades esportivas individuais esportivas			
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro				atividades físicas do período	esportes esportes
Universidade Gama Filho		G Goleira			h h
Fundação Universidade Federal do Maranhão		G		esportes	h
Fundação Universidade Federal do Piauí		no esportes			
Universidade Federal de Goiás	G	no esportes			
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso		no esportes			
Universidade Federal da Paraíba	Fundamentos esportivos e jogos da G			esportes	h
Universidade Federal da Paraíba	esportes do ensino da G			esportes esportes	h h
Universidade Federal do Mato Grosso do Sul	G			esportes	h
Universidade de Passo Fundo	Fundamentos esportivos de G			esportes	esportes
Universidade Federal de Pernambuco	no esportes				
Universidade Federal de Pernambuco	G			h	
Universidade Federal de Rondônia	G masculina e Feminina G masculina e Feminina esportes			esportes esportes	h h h
Universidade Federal do Paraná	esportes Esportivos			h	